



# DEPOIS DOS TEMPORAIS

Tércio Ricardo

Editora Penalux  
Guaratinguetá, 2017



EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro  
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br  
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO  
França & Gorj

REVISÃO  
Daniel Zanella

CAPA E DIAGRAMAÇÃO  
Ricardo A. O. Paixão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

K68D KNEIP, TERCIO RICADO. - 1992.  
DEPOIS DOS TEMPORAIS / TERCIO RICADO KNEIP -  
GUARATINGUETÁ, SP: PENALUX, 2017.

128 p. : 21 cm.

ISBN 978-85-5833-231-6

1. CRÔNICAS I. TÍTULO

CDD.: B869.8

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.  
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida  
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

## Dança noturna, brilho na noite

Levanto e caminho entre a espremeção dos convidados que dançam. Sinto todos imersos na orgia, dionisíacos e mesclados ao som de “The Lion Sleeps Tonight”. Brincam entre hipnóticas luzes, se movimentando de modo indefinido. Em todos reside a proibidade dos que dançam. Todos contidos no brilho especial vindo da noite. O palco está cheio de bailarinas. Vi a mulher de azul seminua sorrindo. Ela assoprou um beijo na palma da mão. Depois se aproximou indagando sinuosamente: que lhe parece este corpo? Enlaçou meu braço e levou-me para o meio do salão para sentir o compasso amabilíssimo da canção em seu corpo. Movia-se com a mais leve beleza, a risada soberba simples, quase ingênua. Havia pura existência na oportuna elegância carnal de suas ancas, como o requebrado de palmeira ao vento. Alguém elogiou a canção, outros reclamaram da musicomania contemporânea composta de bobagens, guinchos, pastiches de canções antigas e boas. Exaltou o bom gosto nutricional, assobiando pessimamente uma canção caipira vestida



de americana. Alguma impressão nesse transporte lembrava o crepúsculo de ontem, quando a tarde iniciou seus trabalhos para envermelhar os rostos dos velhos amigos sentados próximos a janela grande. Rua Barão do Rio Branco. Rua que parecia desconhecer em mim o envelhecido habitante.

Quer a dança atrair pela inofensividade do transe o seu resultado em calor humano. Todos dançam envolvidos pela insobriedade nesta breve pausa de tristeza diluída no salão. Que alegria momentânea e bela! Insobrepujável, a paz da tolerância universal. Todos dançam.

Por sorte, a musicomania é uma droga que ainda não foi detida, desabafou o crítico, resmungando. “A mente tem o passo ligeiro, mas o coração vai mais longe” contornou Min com sua beleza chinesa. Vamos dançar! Vamos. Esperávamos diante uns dos outros, qual muito, qual pouco, o reinício da música. Fui até o balcão e apanhei frutas e bebidas. No caminho, recebi um beijo adoçado de Rô, que produziu um riscadinho de batom em meu rosto claro, pacificado.

Até o sovina sempre bicudo, sentado no canto da mesa, riu. Motejou sem muita convicção sob efeito da música, já sem aquela astúcia válida de sempre. Riu para a dama que servia os copos. Foi sub-regendo a grosseira identidade de solitário avarento, mas acabou dominando o seu ser comprimido, pedindo um pouco de cerveja ou rum, não sei ao certo. Preso à lua cheia na calma da noite, ele parecia ter contribuído com algo para o mundo. Mesmo se enganando, parecia ter doado alguma coisa para alguém como uma flor



aos cegos de seu somitismo. Sentado e só, não dançava, pois a dança parecia lhe tirar todos os seus valores com a generosidade dos movimentos. Sobrepujou nele sua riqueza miserável contida na simples aglutinação de objetos, de pesos, de valores que se acumularam violentamente na escuridão de seus cofres internos.

Até o fim carregarei comigo este momento venturoso. Esta santa luz difusa que ocultou meus aborrecimentos. Estas cores, estas texturas, estes movimentos em sintonia. No salão, ninguém é desenhado numa imagem única.

Procuro o ar da noite para observar as pessoas no salão. De tanto reluzir felicidade permanecem luminosos como os astros. Tenho convicção de que os corpos celestes divinizam as danças noturnas. Tenho muita convicção.



## Não pule, Seu Deodato

Acordamos naquela madrugada com zunzum enigmático entre gritos ecoados no edifício ao lado. A voz selvagem de Deodato: Aviso! Vou me jogar! Quinto andar. Estava de pé no parapeito pronto para o voo suicida. Depois da morte de Joli dor andava limando as feridas abertas da saudade. Todos temeram pela vida do homem lançando-se no espaço aéreo. Aos poucos o vilarejo acordava assustado, intrigado, suspenso. Temia-se o fator desconhecido. Quem poderia imaginar homem tão pacato necessitado de atenção? Todos observavam com os olhos da angústia. Manteve-se aos berros no parapeito. Começaram cogitações: viúvo, funcionário público, premido pelos credores. Até eu me jogaria, sentenciou Marina. Disseram ao bombeiro a história de Joli e o painel. Grande amor de Deodato. O rumoroso *outdoor* encontrava-se no galpão de Mila. O plano era mostrar o painel da amada seminua, segurando frango assado com os dizeres: “Frango Tele. Temperado que dá gosto!” (Momento publicitário que lhe rendeu êxito para o corpo além



da alma venial para a fama interiorana!) Fuga para iludir o espírito crítico da situação-limite.

O *outdoor* foi carregado e exposto entre a multidão, o homem bamboleante no alto. Deodato quase cai em meio ao gemido coletivo. Os expectadores do azar alheio levantaram as mãos como num assalto de fraqueza humana. Buscaram o padre Valdez, dando-lhe o megafone verde-amarelo. Valdez tomou o megafone e orou cauteloso com voz de dedicatória. Sagradas palavras iluminadas de esperança. A irmã de Deodato era beata, senil e surda demais para ser carregada até a cena do infortúnio. Manteve-se em casa ouvindo “adeus amor eu vou partir” no vozeirão de Orlando Silva. Continuará em casa até a resolução dos fatos. Alguém precisava subir até lá, arrastá-lo para dentro. Pobre irmão. Lamentava enquanto mergulhava na fábrica de pão de queijo produzido no liquidificador. Resmungava “nessas horas os elevadores enguiçam e os anjos desaparecem”. Foi um encachaçado gaiato quem observou um sintoma novo na ameaça de suicídio. Deodato delirava a ideia fixa de voar livre como pássaro. O gaiato berrou lá de baixo:

– Volta para o alpiste!

Deodato voltou.



## Bate boca

– Quer saber? Você me odeia. Por Deus, como posso odiar alguém raso, inesperto. Logo eu? Lembra-se daquela amiga do Onofre? Está se referindo a Margaret? Sim, estou. Você andou caidinho por ela. Claro que sim. Aquela frentista de seios grandes. Ela não só dava descontos nos combustíveis, mas também esvaziava o tanque. Devia ter casado com ela, podia obter descontos na gasolina na era dos saques energéticos. Ora, Joana, isso foi no tempo em que o Simon se separou do Garfunkel, vá dormir. Você me trai com o dentista. O que ele tem que eu não tenho? Pederneiras! Quer saber o que ele tem que você não tem? Dentes. O Arnaldo tem a dentição completa, gosta de sushi e é romântico. Como um tipinho que aplica anestesia e extrai dentes pode ser romântico? Estou para ver. E surdo musicalmente. Gosta de sushi e da música açucarada desse tal de Luan. Ao menos aprecio os dedilhados de Carlos Santana. Você gosta dos temas de Santana porque é velha. É do tempo em que manequim de loja não possuía seios, retrucou com ar de vencedor.





Você não vale o que come. Ao menos pago a minha comida. Papagaio come milho, periquito leva a fama. Você mora de favor na casa de mamãe, jamais esqueça. Nunca pensei que ela fosse viver tanto. Mal agradecido. Ela rouba desodorante no supermercado. Está chamando mamãe de ladra? Estou e tenho provas: este desodorante não tem nota fiscal. Vá até a dispensa e veja os biscoitos com seus próprios olhos estrábicos. São biscoitos afanados. Ela também afanou o pacote de quinoa. Ora, afanou nada. Saiu sem pagar, é diferente. Está caquética. Regrediu naturalmente e está na fase da coleta. Já leu Freud? Ignorante hipnótico. Noventa e nove anos não é a melhor desculpa para sair sem pagar. Se fosse sua mãe seria a melhor das desculpas. Os vizinhos interferem na madrugada com batidas no teto. O azedume verbal não cessa. Por que você não vai ouvir “Guajira” e dormir na sala? Vá você dormir, cabrita insone. Eu? Cabrita insone... É. Você mesma. Quando você goza treme os olhos e estica as unhas dos pés. Ah... Com o Oscar é diferente. (Bradou com um “toma” vencedora). O quê? Você dormiu com o Oscar? Oscar é gay. (Rindo, porém desvirtuado). O apelido dele na cidade é “Dama da Noite”. A turma do bairro sabe que ele é homossexual, pinta as unhas dos pés desde que assistiu ao filme Hair pela primeira vez. É mentira. Tenho certeza de que não é gay. Não é não. Pode ser bissexual. Gay não é. Ordinário. Sou ordinário. Quer um cigarro? Odeio cigarros convencionais, você sabe. Quer me irritar com esse fumo nocivo? Prefiro erva Marley. Segue para a varanda. Vai fumar sozinha.

A porta da varanda se fecha e toca “Dream a little dream of me” na voz de Louis Armstrong.





[www.editorapenalux.com.br](http://www.editorapenalux.com.br)



[kneip\\_ricardo@bol.com.br](mailto:kneip_ricardo@bol.com.br)



[/tercio.ricardokneip](https://www.facebook.com/tercio.ricardokneip)